

No compasso do poeta

Na trajetória musical de Vinicius de Moraes, o samba é protagonista, com direito a composições, peça de teatro, crônicas, estudos, críticas e preocupações

Vivi Fernandes de Lima

1/10/2013

Com uma boa dose de bom humor, ele chegou a se apresentar numa gravação musical como o “capitão do mato Vinicius de Moraes”. A irmã Laetitia, hoje com 97 anos, ri da brincadeira do irmão. “Capitão do mato não era aquele que caçava escravos fugidos? Não tinha nada a ver com ele”, diverte-se.

Provavelmente a motivação de Vinicius para esta apresentação tenha nascido de seu interesse pela cultura vinda dos terreiros com raiz africana, ou ainda uma identificação com a

“ralé” da sociedade escravocrata. Vai saber. O que importa é que logo em seguida, numa mesma estrofe de “Samba da Bênção”, ele diz como se sente: “O branco mais preto do Brasil na linha direta de Xangô, saravá!”.



Esta música, uma parceria com Baden Powell, foi criada na década de 1960, mas o início da ligação do poeta com o samba é muito anterior. Ainda quando morava com os pais, na juventude, apreciava as músicas feitas principalmente no Centro da cidade e arredores. Dona Laetitia se lembra bem: “Ele adorava Ismael Silva, Noel Rosa, Pixinguinha... Ah, Pixinguinha ele adorava! Vivia cantarolando “Carinhoso”. A gente ouvia o rádio enquanto almoçávamos”. Chico Viola e Orlando Silva estavam sempre na trilha sonora desses almoços que reuniam uma família que já era musical havia algumas gerações. “Quando a música era mais animada, levantávamos pra dançar durante a refeição”, conta.

Nas várias homenagens ao centenário de Vinicius de Moraes (1913-1980), completado este ano, é natural que a bossa nova ganhe destaque. Afinal, o poeta é autor de sucessos que ganharam o mundo com esta “batida diferente”, como “Garota de Ipanema”. Mas muitas vezes o samba aparece como pano de fundo dessas comemorações, o que pode afastar do perfil de Vinicius o quanto ele conhecia, como poucos, e gostava da música popular que se fazia no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. A ponto de ter seus conhecimentos chancelados por ninguém menos que Mário de Andrade, um especialista na pesquisa musical. “Mário de Andrade comentou com ele sobre a necessidade de se fazer um livro com um mapeamento do cancionário brasileiro.

Depois, sabendo que ele próprio não o faria, deixa essa incumbência com Vinicius de Moraes e o jornalista Lúcio Rangel. Um cara como o Mário de Andrade, enciclopédico, ter colocado Vinicius neste lugar é porque Vinicius era de fato um grande conhecedor”, diz Miguel Jost, pesquisador musical.

Jost se debruçou por um bom tempo sobre o samba na vida de Vinicius selecionando crônicas musicais do poeta das décadas de 1950, 1960 e 1970 para o livro *Samba falado*, do qual é coorganizador. Nele, chama a atenção para a importância de Vinicius como “um pensador e crítico atuante da nossa cultura” de 1941 a 1970, período em que escreveu para diversos jornais e revistas, como *A Manhã*, *Pasquim*, *Jornal do Brasil*, *Última Hora* e *Flan*. Segundo Jost, Vinicius era “íntimo não só dos personagens, mas da história da música brasileira e do samba carioca”.

Esta intimidade é evidente na segurança com que o poeta escreve sobre os compositores. Em texto de 1953, ele se rasga em elogios a Ismael Silva e chega a desafiar o conhecimento do leitor: “Quem conhece de verdade o bom samba carioca não hesita em colocar Ismael Silva como um dos três maiores sambistas de todos os tempos. (...) Seu samba, cuja grande força é a melodia, vive ainda hoje na boca de muita gente que já não se lembra mais de que o grande Ismael os fez”. O nível de exaltação é tão alto que Vinicius profetiza: “Seu nome estará ligado à crônica do samba carioca enquanto o mundo existir”.

Revirando entrevistas concedidas por Vinicius a diversos canais de televisão, é possível encontrar depoimentos em que ele expressa exatamente esta adoração pelo samba. Em 1970, por exemplo, no programa *Ensaio*, da TV Tupi, ele menciona alguns dos artistas que considerava expoentes: “A partir do ano de 1950, eu fiz amizade com quase todos os grandes da música popular brasileira. Cartola, Nelson Cavaquinho...”.

“Sempre tive muitos discos, e ele ficava vidrado na minha coleção. Gostava muito dos sambas de Ismael Silva, Bide, Marçal, a turma do Estácio”, exemplifica o pesquisador musical Humberto Franceschi, que é primo de Vinicius. Para ele, que acompanhou o processo, o primo foi seduzido a optar pelo esquema banquinho-e-violão. “Com a bossa nova, praticamente ele abandonou isso. Os garotos da bossa nova procuravam muito por ele, que tinha uma facilidade enorme pra fazer letras”.

Mas mesmo sem um canhão de luz, o samba aparece, nas próprias palavras de Vinicius, inclusive quando o assunto é bossa nova. No recém-lançado livro *Jazz & Co.*, organizado por Eucanaã Ferraz, por exemplo, o pesquisador reproduz o trecho de “Contracapa para Paul Winter”, no qual o compositor define a bossa nova como “uma filha moderna do samba tradicional, que teve seu namoro com o jazz”.

Em alguns casos, a intimidade com o samba estava também nos laços de amizade que mantinha com sambistas. O cantor Ciro Monteiro era um deles. Georgiana de Moraes, uma das filhas do poeta, guarda recordações do cantor. “Do Ciro me lembro muito bem porque ele ia lá em casa. Eu tinha uns 10 anos e, já nessa época, ele nos visitava muito”, conta Georgiana. Em 1965, Vinicius comparou, em crônica publicada no *Pasquim*, a afinidade que tinha com Ciro usando um argumento totalmente ligado aos terreiros de candomblé, que ele já frequentava nessa época: “Ciro é, como eu, da linha de Xangô”. Mas só elogiar parecia pouco para o escritor. A adoração era tão grande que desejava ser o Ciro Monteiro. “Se alguém me perguntasse quem eu gostaria de ser, se não fosse eu próprio, responderia sem hesitar... não, eu confesso que hesitaria entre Pixinguinha e Ciro Monteiro”.

Balançar entre Ciro e Pixinguinha faz todo o sentido na memória de Georgiana. Se, por um lado, as visitas de Ciro eram constantes, o pai falava de Pixinguinha o tempo todo. Não era à toa que dizia que o músico deveria ser canonizado. Com o “santo” chegou a ter parcerias musicais, como “Lamento” (“Morena, tem pena/ mas ouve o meu lamento...”).

Em suas reflexões sobre o samba, mostrava-se também preocupado com a descaracterização do gênero. Em crônica de 1953, desabafou: “Do princípio do século a esta data, os compositores populares têm se dado as mãos numa instintiva defesa do que é carioca”. Este grupo, que ele denominava de “cortina do samba”, era “como um juízo, a chamar permanentemente a atenção dos ‘samboleristas’, dos ‘santanguistas’ e dos ‘sanfadistas’, para não dizer pior, para a descaracterização crescente desse grande patrimônio do Rio e do Brasil”.

Em outro momento, quem também frequentava a casa do poeta eram os músicos da peça teatral *Orfeu da Conceição*, escrita por Vinicius ainda nos primeiros anos da década de 1940 e estreada em 1956. Esta obra talvez seja a que mais represente o quanto Vinicius era ligado e preocupado com a cultura brasileira. Baseado no drama da mitologia grega “Orfeu e Eurídice”, o autor criou uma trama ambientada numa favela carioca. Ali, o seu Orfeu era um personagem que ele conhecia bem, um sambista, e o clima era de carnaval. No palco, artistas negros, raridade nos espetáculos da época. Para contar a história, canções feitas com o então novíssimo parceiro Tom Jobim, encontro musical que marcou, como ressalta o biógrafo José Castello, uma virada na carreira de Vinicius. Foi quando o poeta se tornou um *show-man*.

Não foi a primeira nem trigésima vez que o carnaval esteve presente na vida de Vinicius. O universo carnavalesco, assim como a favela, já fazia parte de sua vida desde o tempo em que morava na Gávea, na juventude. Participava, inclusive, dos preparativos do bloco carnavalesco Independência da Gávea. A empreitada contou com incursões à Favela do Pinto, que Vinicius narrou na *Revista de Música Popular*, em 1955: “Para os lados do oeste do Leblon, um pandeiro batia, que estava vivo. Vozes negras, verticais distantes, na noite quente”.

Toda essa intimidade com o samba não se desfez com o sucesso da bossa nova. Em 1966, quando a bossa nova já tinha clássicos superconsagrados, como “Garota de Ipanema” e “Chega de Saudade” (ambas da dupla Tom e Vinicius), e ganhado o palco do Carnegie Hall de Nova York, Vinicius caiu no samba com Baden Powell, lançando o disco *Os afro-sambas*. “A gente fez pensando nos afro-brasileiros mesmo. Eu contava muita coisa pro Vinicius sobre Xangô, lansã, labareda...”, declarou Baden em entrevista à TV Tupi em 1970.

O samba continuou ainda na parceria com Toquinho, com quem teve muitos sucessos, ganhando fãs Brasil afora. A lista de exemplos que mostram o quanto o universo do samba era protagonista, e não coadjuvante, na carreira musical de Vinicius tem o tamanho de uma vida inteira. Uma vida, por sinal, muito bem vivida. Saravá!

- [Publicar no Facebook](#)